

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

RANIELLY CRISTINA BARBOSA SILVA

A cidade e o jovem hardcore: o sujeito político e suas vivências em Uberlândia.

Uberlândia
2026

RANIELLY CRISTINA BARBOSA SILVA

A cidade e o jovem hardcore: o sujeito político e suas vivências em Uberlândia.

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora: Marta Emísia Jacinto Barbosa

Uberlândia

2026

RANIELLY CRISTINA BARBOSA SILVA

A cidade e o jovem hardcore: o sujeito político e suas vivências em Uberlândia.

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História.

Uberlândia, 2026.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa – INHIS/UFU

Profa. Dra. Regina Ila Vieira Vasconcelos – INHIS/UFU

Prof. Me. Diego Marcos Silva Leão - UFU

Dedico este trabalho aos que a história privou
do saber formal, em particular aos meus pais,
que me deram asas para voar.

AGRADECIMENTOS

Sempre que pego um trabalho para ler gosto de ir direto aos agradecimentos, quero conhecer quem apoiou e esteve ao lado do pesquisador durante esse período turbulento. Ficava imaginando como eu escreveria, quem eu iria agradecer e nunca cheguei em uma conclusão. Bom, parece que chegou a hora de me decidir. Acredito que para um bom profissional existir é necessário muitos outros profissionais excepcionais e no meu caso não foi diferente.

Agradeço muito a minha professora do 3º ano do fundamental, por sempre me incentivar à leitura, me dando livros e até os imprimindo para mim. “Tia Ângela” a senhora fez muita diferença em minha vida.

Agradeço também ao professor Geisson, de matemática, por todos os conselhos e conversas. A ti também Denize, professora de língua portuguesa, acredito que tenho um pouquinho dos dois em mim e quero deixar um pouco de vocês em meus futuros alunos.

Agradeço ao meu professor de História do ensino médio, Adilson, de certa forma, durante uma aula de segundo reinado, comecei a me interessar e me apaixonar pela matéria e comecei a me ver nessa profissão.

À professora Marta por sempre fazer os questionamentos mais pertinentes sobre minha pesquisa. Sua orientação foi enriquecedora, agradeço toda a contribuição para o meu desenvolvimento profissional.

Obrigada a banca por aceitar esse convite e ler esse trabalho com carinho e atenção, vocês são fundamentais nesse período.

Agradeço aos amigos que fiz ao decorrer de minha graduação, vocês foram luz. Esse período passou a ser menos conturbado e mais leve graças a vocês.

Agradeço imensamente a minha família, em especial meus pais, por todo apoio e incentivo, sem vocês eu não seria nada. Agradeço por acreditarem em mim em todos os momentos.

E por fim, agradeço ao meu companheiro de vida, por todo aconchego, acolhimento e todos os conselhos. Você, para mim, é casa, tranquilidade, paz, afeto. Obrigada por sempre me incentivar a ser melhor. Obrigada por cada questionamento que me faz ser melhor que ontem.

“Escrever para mim é sobretudo indagar”
(Luft, 2004, p. 69)

RESUMO

O presente trabalho propõe a análise das vivências da juventude hardcore uberlandense, buscando compreender como suas práticas culturais, trajetos cotidianos, formas de sociabilidade e expressões estéticas contribuem para a construção de identidades juvenis e de sujeitos políticos. A pesquisa parte da ideia de que a cidade não é apenas um espaço físico, mas um território vivido, atravessado por disputas, memórias, afetos e relações de poder. Com abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, interpretativo e etnográfico, o estudo dialoga com autores como Hissa e Nogueira, Magnani, Rolnik, Teresa Caldeira, Dayrell e Abramo, articulando os conceitos de cidade, juventudes, espaço urbano e cultura juvenil. Os dados empíricos foram produzidos por meio de um questionário online aplicado a jovens da cidade, além de observações e relatos sobre a vivência urbana local. Os resultados indicam que os jovens não apenas ocupam a cidade, mas a ressignificam por meio de suas práticas cotidianas, de seus vínculos coletivos e de suas formas de resistência ao conservadorismo e à segregação socioespacial. Dessa forma, o artigo contribui para ampliar o debate sobre juventude, cultura e cidade, evidenciando a dimensão política das experiências juvenis no contexto uberlandense.

Palavras-chave: Cidade; Sujeito Político; Juventudes; Ensino de História.

ABSTRACT

This study proposes an analysis of the experiences of the hardcore youth in Uberlândia, seeking to understand how their cultural practices, daily routes, forms of sociability, and aesthetic expressions contribute to the construction of youth identities and political subjects. The research is based on the idea that the city is not merely a physical space, but a lived territory, traversed by disputes, memories, affections, and power relations. Using a qualitative approach, with a bibliographic, interpretive, and ethnographic character, the study engages with authors such as Hissa and Nogueira, Magnani, Rolnik, Teresa Caldeira, Dayrell, and Abramo, articulating the concepts of city, youth, urban space, and youth culture. The empirical data were produced through an online questionnaire applied to young people in the city, as well as observations and reports on the local urban experience. The results indicate that young people do not merely occupy the city, but also re-signify it through their daily practices, collective bonds, and forms of resistance to conservatism and socio-spatial segregation. In this way, the article contributes to broadening the debate on youth, culture, and the city, highlighting the political dimension of youth experiences in the context of Uberlândia.

Keywords: City; Political Subject; Youth; History Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HC	Hardcore
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. AS CIDADES DENTRO DA CIDADE	15
3. JUVENTUDES	20
4. PUNK/ HARDCORE	25
4.1 Por que o <i>punk</i> ?	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha vida acadêmica percebi interesses em pesquisas locais, em especial aquelas ligadas a temas de política e cultura. Quando chegou o momento de escolher o tema de pesquisa, percebi a possibilidade de fundir esses interesses em um único objeto de estudo. Nesse artigo analiso como as vivências de um jovem o constituem como um sujeito político e membro participativo da sociedade uberlandense, recorrendo ao grupo que me incluo, o *hardcore*, considero os lugares frequentados, as vestimentas, os modos de vida e principalmente o engajamento político. Essas expressões não são meros ornamentos; elas tecem narrativas de poder, resistência e identidade em um mundo onde o espaço urbano se torna palco de negociações incessantes.

A cidade é justamente o espaço onde cultura, espaço e poder se cruzam - e é nessa interseção que emerge uma chave interpretativa fundamental para decifrá-la. Para os autores Hissa e Nogueira (2013), a cidade é o substantivo e o corpo, o verbo, simultaneamente: a cidade carrega cada ação humana, cada memória, cada gesto, e o corpo é o lugar de onde essas experiências são vividas, sentidas e transformadas. Pensando nessas memórias que a cidade carrega através de nossos corpos e ações, analiso as vivências desse grupo de jovens que participam ativamente da cena hardcore de Uberlândia.

Aqui, grandes avenidas e shoppings modernos coexistem com uma segregação social velada, onde corpos jovens negociam diariamente seu direito de existir, de ocupar o espaço e de resistir. Teresa Caldeira mostra que a segregação social é um emaranhado de “regras que organizam o espaço urbano [e] são basicamente padrões de diferenciação social e de separação” (CALDEIRA, 2003, p. 211). Nesse contexto, ao observar espaços de circulação aparentemente livre para todos, mas que ainda sim existe uma separação por classes, ou seja, pessoas de diferentes posições sociais utilizam o mesmo lugar, mas não interagem entre si, são os chamados, pela autora, de enclaves fortificados.

Esses espaços desenhados e conceituados pela autora, também estão presentes na cidade de Uberlândia. É possível vê-los em nossa rotina, como exemplo o Parque do Sabiá, as praças, os eventos produzidos pela prefeitura e, é claro, os rolês produzidos na cena. Como foi observado pela Lérica no documentário HCUdi¹ “os emos de condomínio também participavam da cena”.

¹ Documentário sobre o hardcore em Uberlândia (2023), produção de Roberto Camargos e Vilmar Junior, disponível em: <https://youtu.be/21Hz4YGE9tY?si=33R5r130s56717zv>.

O *punk* é um fenômeno musical e cultural surgido na segunda metade da década de 1970, marcado por uma sonoridade abrasiva, letras agressivas e uma postura crítica à cultura de massa (por isso a denominação de contracultura) e ao sistema político e econômico, mas com estruturas musicais ainda relativamente acessíveis e melódicas (como em Ramones, Sex Pistols e The Clash)². O *hardcore*, por sua vez, surge como uma ramificação do *punk* (Camargos, 2011), surgida na “segunda onda” do movimento (final dos anos 1970 e início dos 1980), caracterizada por ritmos ainda mais acelerados, guitarras mais distorcidas, vozes gritadas e uma postura estética e ética frequentemente mais radical e anarquista ³, associada a cenas locais de forte identidade juvenil e subcultural. A diferença mais segura entre os dois é seu contexto: o punk, hoje, mira o mercado, enquanto o hardcore procura essas raízes no punk em “*Do It Yourself*.”⁴, por isso o som é de baixa qualidade e quase não conseguimos entender o que está sendo cantado.

Para além, é necessário “dar nomes aos bois”, ou seja, qual grupo é esse que funcionará como ponte para a pesquisa? O que significa verdadeiramente “vivenciar” uma cidade? Quais corpos jovens - alternativos - negociam diariamente o espaço uberlandense? Longe de oferecer respostas definitivas, este texto provoca indagações - ecoando Lya Luft (2004): “escrever para mim é sobretudo indagar” -, propondo novas lentes sobre vivências territoriais e gestando caminhos para pesquisas futuras.

Uberlândia, como polo regional do Triângulo Mineiro, é marcada por uma urbanização acelerada e um conservadorismo cultural que marginaliza expressões alternativas, provavelmente herança do golpe civil militar brasileiro e o conservadorismo presente na cidade. A música, como forma de protesto, neste contexto, surge não como um passatempo, mas como refúgio contra os preconceitos e a segregação social, um contraponto à ascensão do conservadorismo que diminui “jovens rebeldes” e fomenta desinteresse pelo coletivo.

Durante o levantamento de dados com pessoas do início do movimento aqui na cidade, descobri que a cena teve início nos de 1990, não de forma imediata, com bandas e shows grandes, mas por meio de um processo amplo de identificação cultural e sociabilidade juvenil (Dayrell, 2003). Essa primeira onda foi fundamental, pois ajudou a consolidar uma rede de

² O *punk* tem raízes em diferentes experiências musicais e urbanas anteriores à sua consolidação, reunindo influências do *proto-punk*, de bandas ligadas a bairros periféricos e de grupos de jovens negros nos Estados Unidos e na América Latina, que já expressavam ruptura estética, crítica social e contestação cultural.

³ Embora o *punk* tenha fortes vínculos históricos com ideias anarquistas e de esquerda, nem todos os *punks* se identificam com essas correntes políticas.

⁴ A expressão “faça você mesmo, porque ninguém fará por você” sintetiza o princípio do *DIY*, central na cultura *punk*, ao enfatizar a autonomia, a autogestão e a produção independente como formas de resistência à lógica da indústria cultural.

compartilhamento de referências, valores e sensibilidades, dando forma a um universo cultural que ultrapassava a dimensão musical.

A justificativa desse artigo se dá pela falta de trabalhos sobre a temática, enquanto cidades grandes, como São Paulo e Rio de Janeiro, ganham destaque na produção de pesquisas sobre o hardcore desde os anos de 1980. Uberlândia continua em lacunas. Socialmente, a urgência é ainda maior: estamos em 2026 e o conservadorismo continua em ascensão e jovens continuam sem a organização coletiva e dar visibilidade a essas resistências – as desigualdades de gênero, classe e raça, além de segregações socioespaciais - pode reacender faíscas. Não se trata de romantizar a rebeldia, mas de mostrar que, em tempos de retração, corpos jovens nos lembram que a cidade só vive quando habitada com ousadia.

Segundo o autor Juarez Dayrell existem diversas formas de ser jovem, em seu estudo sobre juventude a partir das experiências no *funk* e no *rap*, o autor enfatiza que:

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social (Dayrell, 2003, p. 42).

A partir dessa reflexão, analiso nesse grupo não somente o seu estilo, mas como esses jovens vivem esse período da vida e as maneiras pelas quais eles se articulam por meio dele no espaço urbano.

Um conceito muito importante para a pesquisa é apresentado pelos autores Cassio Hissa e Maria Luísa Magalhães Nogueira (2013), é o espaço urbano definido como “cidade-corpo”, onde entende-se que a cidade vai além de um mapa abstrato ou uma malha de vias e edifícios, mas como um corpo-terreno vivido, sensível e potencialmente resistente. Para eles, a cidade é experienciada pelos pés, na rua, na circulação cotidiana, onde o corpo interage diretamente com o concreto. É de dentro e de perto que se vivencia a cidade.

A partir da noção de cidade-corpo, que este trabalho busca compreender como as práticas culturais e espaciais da cena juvenil *punk/hardcore* em Uberlândia fortalecem sujeitos políticos resistentes, renegociando o espaço urbano como arena de identidade coletiva e contestação ao conservadorismo local. Ao contrapor a “cidade-mapa” - abstrata, racionalizada e controlada - à “cidade-corpo”, este trabalho permite pensar a cidade de Uberlândia não apenas

como território físico, mas como território de existência, experimentação e tensão simbólica, onde corpos juvenis se expõem, se confrontam e se reconhecem.

Ao mapear e analisar os rituais cotidianos desses jovens (como vestimentas não normativas, sons de baixa qualidade, letras carregadas de sentimentos e lugares frequentados), revelando sua função na construção de identidades políticas; examinar a interseção entre corpo, cultura e poder urbano, conectando vivências locais às contribuições teóricas de autores como Hissa, Nogueira (2013) e Magnani (2002); documentar narrativas de resistência em Uberlândia, preenchendo lacunas acadêmicas sobre subculturas regionais em contraposição a centros como São Paulo; e, por fim, inspirar pesquisas futuras sobre juventude não-padrão, reacendendo o debate sobre o coletivo em contextos de apatia e ascensão conservadora.

A metodologia deste trabalho adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, centrada na leitura aprofundada e crítica de textos teóricos sobre cidade, juventude como sujeito político e expressões alternativas que desafiam padrões normativos de vestimenta, comportamento e aspectos culturais. Essa abordagem permite uma análise densa das vivências territoriais de jovens *hardcore* na urbe.

A pesquisa contou com a realização de um questionário *online*, com foco em sujeitos da cena *hardcore* por meio do *Forms Office*, com o título da pesquisa e elaborado a partir das problematizações teóricas desenvolvidas no corpo do texto. O formulário é composto por 7 perguntas fechadas e 15 perguntas abertas, organizadas por eixos temáticos para facilitar a análise dos dados. As questões fechadas tratam de aspectos sociodemográficos dos participantes, como idade, gênero, escolaridade, estilo musical e a sua participação da cena. Já as questões abertas investigam as concepções de cidade, juventude, identificação e o que significa ser *hardcore*; as formas como os participantes se reconhecem como sujeitos políticos; as experiências de reconhecimento ou invisibilidade social; os trajetos cotidianos e os espaços vividos na cidade; os lugares frequentados; e as narrativas sobre a experiência de ser jovem na cidade.

Além disso, esta pesquisa se configura também como um trabalho etnográfico, pois a investigação se realiza a partir de uma imersão no objeto de estudo. Como Uberlândia é a cidade onde nasci e cresci, essa imersão adquire um sentido ainda mais pessoal e sensível, sem perder seu caráter acadêmico.

Primeiro, é necessário analisar e compreender o conceito de cidade, e para tal, apresento as lentes de Hissa e Nogueira, em diálogo com o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani. Enquanto Hissa e Nogueira nos convidam a enxergar a urbe como um espaço material que ganha vida quando "verbificado" pelas ações, memórias e resistências dos corpos que a

habitam, Magnani trabalha com a noção de pedaço e mancha, revelando como a cidade se fragmenta em territórios afetivos, onde linhas de pertencimento são tecidos fora da lógica oficial do planejamento urbano.

Juntos, esses autores desmontam a ideia de cidade como palimpsesto⁵ de concreto e a reescrevem como organismo pulsante: o "substantivo" das avenidas largas e shoppings de Uberlândia ganha sentido apenas quando atravessado pelo "verbo" dos jovens que, em seus rituais cotidianos, transformam bares em pedaços de resistência e identidade. Não se trata, portanto, de descrever mapas estáticos, mas de decifrar como esses corpos alternativos apropriam-se do espaço, exercendo o direito à cidade lefebvriano e convertendo a segregação urbana em palco de liberdade coletiva.

Em outro momento do artigo, pretendo abordar o conceito de juventude e sujeito político a partir da visão do pesquisador Juarez Dayrell (2003). Ele analisa a juventude ligada a estilos musicais como o *funk* e o *rap*, mas não analisando os estilos musicais e sim a forma como eles constroem a sua identidade e o seu modo de ser jovem. Nesse sentido, vale a reflexão: o que faz alguém ser considerado *hardcore/punk*? Fazendo uso dos estudos da autora Helena Abramo sobre a juventude, alguns questionamentos me ajudaram na investigação. A referida autora investiga o que é ser jovem e as juventudes e pensa esses sujeitos como seres ativos politicamente e não como uma fase de espera ou de construção passiva. Juventudes como um período de muita ação, pensamentos, lógicas e desejos próprios. Jovens que não só ocupam a política, mas que a recriam, a partir de seus corpos e das ruas que pisam. Essa perspectiva abriu meu horizonte de reflexão sobre o que é ser jovem em Uberlândia.

⁵ Aquele que acumula camadas de história, significados e memórias, onde o passado nunca desaparece totalmente, mas ressurge sob o presente.

1. AS CIDADES DENTRO DA CIDADE

Bom, parece bem óbvio, não é mesmo? Desde o fundamental, nas aulas de geografia, aprendemos que cidades são territórios delimitados, encontrados dentro de estados, que se aninham em países, continentes... *est voilà*, o mundo todo organizado. Mas, e se eu te disser que essa visão é apenas a ponta do iceberg? Que cidades transcendem fronteiras cartográficas para se tornarem obras do desejo humano? Onde nascemos e moramos não é apenas um espaço em hiato e é exatamente isso que pretendo mostrar para quem me lê, utilizando uma lente diferente para tal análise: a juventude hardcore.

Segundo Raquel Rolnik (1988), a palavra “cidade” tem uma origem significativa. Como a autora mostra em seu livro com estudos epistemológicos, o termo deriva do latim *civitas*, termo que não designava, inicialmente, apenas um espaço delimitado, mas sobretudo a comunidade política formada pelos cidadãos. Portanto, “cidade” significava a condição de pertencimento a um corpo coletivo do que um espaço urbano.

De todas as cidades é provavelmente a polis, cidade-Estado grega, a que mais claramente expressa a dimensão política do urbano. [...]No entanto, se perguntássemos a um grego da época clássica o que era polis, provavelmente esta não seria sua definição: para ele a polis não designava um lugar geográfico, mas uma prática política exercida pela comunidade de seus cidadãos.

Da mesma forma se refeririam os romanos à civitas, a cidade no sentido da participação dos cidadãos na vida pública. Se no caso da polis ou da civitas o conceito de cidade não se referia à dimensão espacial da cidade e sim à sua dimensão política, o conceito de cidadão não se refere ao morador da cidade, mas ao indivíduo que, por direito, pode participar da vida política (Rolnik, 1998, p. 22).

A partir disso é possível entender que morar na cidade não torna automaticamente alguém sujeito político; o que realmente faz alguém um ser político é a participação, ação e a disputa do espaço urbano. Essa participação se manifesta no cotidiano, nas conversas, nas ocupações, nas assembleias informais e nas pequenas decisões que moldam o destino comum.

Para Rolnik, desde o surgimento da cidade ela está associada à demanda da administração do excedente gerado, organizar o trabalho e demandar as funções de comando, culto e lazer. É por esse motivo que a sua constituição está intrinsecamente ligada à segregação social e à centralização do poder. A cidade, portanto, é onde surgem hierarquias e se constituem práticas de dominação. Ainda assim, ela também é espaço de memória e permanências, por suas formas materiais – conceito da autora, cidade como escrita, onde edifícios, monumentos, ruas, praças fazem com que ela possa ser lida como uma espécie de texto social.

Outra dimensão da cidade que percebi é aquela salientada pela autora Teresa Caldeira (2003), a cidade da segregação social. A segregação socioespacial do tempo presente é nomeada por ela como enclaves fortificados, que diz respeito a quando pessoas de diferentes classes sociais frequentam os mesmos espaços, mas não interagem entre si, é perceptível esse tipo de segregação na cidade de Uberlândia⁶, claro que não se assemelha a metrópoles, mas conseguimos identificar essa separação em alguns lugares do espaço urbano, como exemplo o Parque do Sabiá, os Shoppings, os pátios, praças e, também, os espaços frequentados pela juventude analisada nesse trabalho.

Para os autores Hissa e Nogueira (2013), vivenciar a cidade é participar dela de alguma forma, seja percorrendo o asfalto, ou traçando trajetos diários, ou sentindo as rachaduras nas paredes de prédios. Basta apenas você existir sob a cidade. Para eles, a cidade é

Terreno, piso, chão: convite – aparentemente inevitável – ao deslocamento do corpo; depositário de passos e vestígios; superfície de inscrições feitas de cultura. O corpo: anúncio de movimento; detonador de ações e memórias; dentro-fora; interno-externo; inexaurível. A vida urbana é feita das relações corpo-cidade, espaço movimento, afeto-ação. A cidade-terreno é a cidade no nível da rua, produzida por corpos e movimentos, do que está sendo feito da vida urbana. O corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo (Hissa e Nogueira, 2013, p. 56).

Antes de se consolidar como um espaço delimitado e mapeável, a cidade surge como um emaranhado de trajetos, pedaços, manchas, circuitos culturais e de consumo, e, sobretudo, um aglomerado de desejos humanos. Se a cidade é, portanto, uma construção que emerge de nós mesmos, por que não nos sentimos parte dela? Hissa e Nogueira (2013), em seu artigo, argumentam que a urbanização acelerada nos distancia dessa vivência: precisamos desacelerar para experienciar o espaço urbano de forma plena, como ao caminhar a pé. Para os autores

É imprescindível enxergar a rua. Ao se permitir a construção do trajeto pelo caminhar, o desenho da cidade-corpo emerge. Cada caminhar tem o seu traçado, e cada traçado desenha uma cidade diferente. E o traçado é duplo: desenha-se com os pés no chão; desenha-se, ao mesmo tempo, com a imaginação ativa do viajante vagaroso e diletante. As escalas e as divisões internas e externas à cidade-corpo se dissolvem ao sabor dos passos. Toda cidade é desenho. É por isso que andar pelas cidades é imaginá-las, desejá-las. Retraçá-las; ao redesenhá-las, delas se apropriar e, com isso, fazer com que se inscrevam em nossos corpos.

⁶ Segundo o censo do IBGE de 2022, a cidade de Uberlândia possui um número estimado de 173.321 de jovens (pessoas entre 15 e 29 anos).

Essa ação descrita pelos autores foi perceptível nas respostas do formulário. Questionei sobre a forma de deslocamento na cidade e 21 responderam que se movimentam com carro, 18 com transporte público e 17 andando pelas ruas. É possível fazer essa ligação facilmente, a forma como vivenciamos a cidade, de forma mais sensível e desacelerada.

Esse ato rompe com a disciplinaridade dos corpos, conceito apresentado por Foucault (1975). No livro *Vigiar e punir*, o filósofo descreve a cidade moderna como um "dispositivo disciplinador", espaço de vigilância constante (ruas iluminadas, câmeras, planejamento urbano rígido) e normatização (trânsito regulado, espaços segregados), os corpos são condicionados a movimentos previsíveis e controlados, alienados de sua potência criadora. O caminhar livre, ao contrário, subverte esse controle, inscrevendo trajetos afetivos no espaço e resgatando o corpo como "detonador de ações e memórias" (Hissa e Nogueira, 2013). Assim, a ruptura foucaultiana não é mera rebelião, mas uma reapropriação sensorial da cidade, transformando-a de prisão em território de desejos.

Além disso, as ideias de Henri Lefebvre (1968), em *O Direito à Cidade*, complementam essa perspectiva ao enfatizar a "cidade-projeção" - termo que proponho aqui para designar a visão cartográfica e planificada da urbe, vista de cima como um mapa abstrato que projeta o que esperamos que ela seja. Lefebvre critica essa abstração como uma forma de dominação espacial, ignorando a "produção do espaço" vivida e conflituosa pelos habitantes. Assim, reconectar-se à cidade requer não só desaceleração, mas uma crítica à sua projeção abstrata, resgatando os desejos e circuitos que a constroem cotidianamente.

Experienciar a cidade é diferente para todos, mesmo que seja o mesmo espaço físico. Esses dias, no ônibus, indo para o trabalho, uma moça começou a conversar comigo e tirou uma dúvida sobre o ponto onde ela iria descer e brincou comigo "moro aqui desde que nasci e não sei andar para esses lados", fiquei bem pensativa com essa fala. A cidade que eu conheço é outra cidade a partir da experiência dessa moça em específico. Eu sabia exatamente onde ela poderia descer para ir aonde precisava e sabia exatamente onde eu desceria, pois esse é meu trajeto de sempre. Mas, por exemplo, eu me perco em outros bairros da cidade, lugares que não fazem parte do meu dia a dia, do meu trajeto ou do meu circuito.

Esse pequeno exemplo pode demonstrar como a percepção da cidade não é algo universal, mas profundamente marcada por ritmos cotidianos, familiaridades e, claro, ausência. Meu trajeto diário delineia um circuito que faz com que eu decore e aprenda novas rotas, mas ao mesmo tempo, é um trajeto totalmente desconhecido por outrem. Por exemplo, bairros da zona Norte ou zona Sul, acabam escapando do meu mapa mental da cidade, mesmo eu morando aqui desde meu nascimento, o que acaba gerando uma desorientação e até um certo receio de

me aventurar por esses lados. Essa seletividade não é aleatória, ela reflete as desigualdades socioespaciais, onde classe, gênero e trajetórias moldam quem “conhece” a cidade e quem é visto como alguém de fora.

Foi pensando nessa minha experiência que propus uma questão no formulário para quem fosse responder pensar um pouco em como podemos definir a cidade. Os resultados foram bem diferentes, percebi que cada um, em seu contexto, tem uma visão diferente do que é a cidade, e de certa forma, para a pesquisa é grande proveito. Obtive respostas mais técnicas, como: “Um aglomerado de bairros” ou “Uma área que é determinada geograficamente onde pessoas vivem”, considero respostas boas e concretas a priori. No entanto, ao aprofundarmos o entendimento sobre o conceito e seus significados, torna-se possível compreender sua dimensão social, como expressa este outro relato: “local de vivência que comporta diferentes culturas”.

Outro ponto a ser analisado, é a falta de espaços na cidade para o nosso barulho, donos de bares fornecem os piores horários, abrem espaços apenas para bandas que fazem covers porque é o que chama o público e gerar mais lucro. Em uma entrevista com pessoas que são da cena há muitos anos, recebi a informação que a própria UFU foi espaço de muita ocupação artística em meados dos anos 2000, com várias calouradas em que artistas autorais se apresentavam, hoje a nossa realidade é outra.

Além disso, no documentário HCudi produzido por Roberto Camargos e Vilmar, algumas pessoas da cena antiga relataram que, todos os sábados, se encontravam na praça do Rosário⁷ (apelidada de praça da bicota por conta da sorveteria que lá se encontra) e trocavam informações sobre banda, shows e sobre a vida cotidiana. Hoje, infelizmente, a praça da bicota não é mais ocupada pela juventude, o que parece indicar mudanças nas práticas de encontro e na própria disposição dos jovens em reivindicar os espaços da cidade.⁸

No questionário existe uma questão sobre a percepção de cidade para os participantes. Recebi respostas de vários sentidos, territorial, social e cultural. A fala a seguir está relacionada ao sentido social do conceito: Cidade é um coletivo de expressões, onde muitas pessoas diferentes convivem no mesmo espaço e trocam experiências, emoções, julgamentos. Todos baseados em seus aprendizados particulares e colocados à prova na esfera pública. A Cidade é o local que coloca a vida para funcionar. Essa formulação é particularmente rica porque desloca

⁷ Esta é a mesma praça onde, anualmente, se realiza a festa da congada. Segundo o *site* da Câmara Municipal de Uberlândia, a festa tem sido celebrada há 149 anos. Assim, esse espaço público tornou-se palco de múltiplas intervenções culturais e festivas ao longo do tempo.

⁸ Esse cenário está mudando aos poucos, estão surgindo novas organizações que estão reivindicando nossos espaços na cidade de Uberlândia. Coletivos como o Conluio ou o Capivara estão mostrando uma forte presença na urbe.

a cidade de uma definição apenas física ou administrativa para uma compreensão relacional, marcada pela convivência, pela diversidade e pelo confronto entre subjetividades.

Nesse sentido, a cidade aparece como um espaço de encontro e de tensão entre trajetórias individuais e experiências coletivas. Ao dizer que ela é um “coletivo de expressões”, a fala sugere que o urbano não pode ser entendido apenas como cenário neutro, mas como um campo de produção de sentidos, onde diferentes modos de viver se cruzam, se observam e se tensionam. A convivência de “pessoas diferentes” no mesmo espaço evidencia que a cidade é feita de pluralidade, mas também de negociação constante, já que cada sujeito chega ao espaço público com seus próprios valores, aprendizados e formas de perceber o mundo. Assim, a esfera pública se torna o lugar onde essas diferenças são expostas, testadas e, muitas vezes, confrontadas.

A expressão, contida ainda nessa resposta, “colocadas à prova na esfera pública” é especialmente importante porque indica que a cidade não apenas abriga as experiências, mas também as validam, questionam ou transformam. Isso permite pensar o espaço urbano como um lugar de circulação de afetos, julgamentos e práticas sociais, onde os indivíduos precisam se posicionar diante da presença do outro. A cidade, portanto, não é somente o local onde a vida acontece, mas o espaço que a organiza, a condiciona e a torna visível. Ao afirmar que “a cidade é o local que coloca a vida para funcionar”, a fala aponta para a centralidade do urbano na constituição das relações sociais cotidianas: é na cidade que os encontros acontecem, que os deslocamentos se realizam, que os vínculos se formam e que as diferenças se tornam perceptíveis.

Essa interpretação dialoga diretamente com a ideia de cidade como experiência vivida, e não apenas como estrutura. A resposta evidencia uma percepção sensível do espaço urbano, na qual a cidade é compreendida como prática social compartilhada. Isso é relevante para a pesquisa porque mostra que os participantes não pensam a cidade apenas em termos de ruas, prédios ou territórios, mas como um ambiente de interação, produção simbólica e construção de pertencimento. Em outras palavras, a cidade é vista como algo que se faz nas relações, nas trocas e nos encontros cotidianos.

2. JUVENTUDES

Como podemos definir o que é a juventude? Pensamos nela como algo fácil de se explicar, mas quando vamos fazer esse exercício não conseguimos encontrar uma definição concreta sobre o conceito. Segundo Abramo (1994), a noção de condição juvenil está ligada a uma etapa do ciclo da vida, transição, ela reforça que essa duração e significado varia de sociedade para sociedade, dependendo de sua cultura e históricos, para ela, essa fase marca a passagem da dependência infantil para a autonomia adulta.

Nota-se que a autora enfatiza que a condição juvenil está associada ao que a sociedade atribui a esse momento da vida em determinado período. Para classificar qual juventude o jovem está desfrutando, ela utiliza o termo “situação juvenil”, por esse motivo é necessário olhar para as juventudes, no plural, pois muitos aspectos influenciam a forma de experienciar tal momento.

Foi pensando sobre essa definição de juventude, que percebi, na aplicação do meu instrumento de pesquisa, que as respostas foram quase todas parecidas: um período para ser rebelde, experimentação e permissividade para erros, seguindo a lógica de que é um tempo privilegiado para arriscar e testar limites. Concordo com essa visão em termos de experienciar a vida, mas é necessário reconhecer toda essa pluralidade dessa condição, conforme o gênero, classe, território e pertencimento cultural.

Essa pluralidade é particularmente importante quando colocamos em foco a juventude relacionada com o hardcore. No formulário pedi para que os participantes definissem o que é ser jovem a partir de suas experiências e contextos. Um participante refletiu a juventude como “sobre sentir a vida em todas suas nuances” e ele ainda completou que “um espírito jovem é aquele que sempre estará disposto a enfrentar a si mesmo”, outro já partiu para o lado político da coisa “ter atitude de nunca abaixar a cabeça perante a uma injustiça ou preconceito”, outro já parte pela ideia de mudanças “mais que a idade de cada um, considero como um agente que busca mudanças, que se posiciona e representa suas causas”

Em 2005 é criada a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), vinculada à Secretaria de Governo da Presidência, que tem como intuito desenvolver uma série de medidas para a proteção e desenvolvimento da juventude do país. Inserida em contexto de maior atenção governamental às demandas sociais do início dos anos 2000, a SNJ lançou o Plano Nacional de Juventude, que visa articular ações em áreas como educação, saúde, cultura e pesquisa, além de incentivar estudos “sobre” e “para” a juventude brasileira. Para este trabalho saliento sobretudo os direitos relacionados à diversidade e igualdade, lazer, cultura, território e mobilidade.

De acordo com a SNJ, jovem é a pessoa que possui idade entre 15 e 29 anos e esse número condiz com $\frac{1}{4}$ da população brasileira, equivalente a 50 milhões. Com base nesse número considerável que questiono: como podem dizer que a juventude não possui uma voz ativa perante a sociedade?

Para investigar essa contradição, incluí em meu questionário uma pergunta específica sobre essa percepção de voz e participação. Das 29 respostas obtidas, 20 afirmaram sentir que sua opinião é frequentemente invalidada ou que não são ouvidos em espaços públicos e privados, essa questão é um sinal quantitativo forte de sentimento de silenciamento. Nos resultados, é notável uma diferença: a maioria desses relatos partiram de pessoas que se identificaram com o sexo feminino, o que aponta para cruzamento entre juventude e gênero que merecem uma análise mais aprofundada.

Complementando os dados numéricos, as respostas trouxeram narrativas que ilustram como essa sensação se manifesta na vida cotidiana. Uma participante relatou: “por mais que eu assuma muitas responsabilidades, pessoas mais velhas do meu meio me veem como imatura simplesmente pela pouca idade, mas já foi pior, acho que eles se assustam também com algumas coisas que desenvolvo e penso melhor que eles”. Sua fala revela não apenas a experiência de desqualificação, mas também a tensão entre autopercepção de competência e o julgamento baseado na idade.

Outra participante descreveu que sente a “desvalorização das ideias e do que as novas gerações têm para balançar a estrutura do status quo”. Essa narrativa aponta para uma percepção de que as propostas juvenis são vistas como ameaça à ordem estabelecida, e não como contribuição válida. Ambos os relatos evidenciam que o silenciamento não se limita a ausência de voz, mas envolve processos de deslegitimação da fala jovem.

As respostas revelam narrativas que ilustram como a sensação de desqualificação se manifesta no cotidiano. O relato “Somos tratados como inferiores por estamos iniciando a vida adulta e não sabermos de tudo” demonstra uma construção social que reduz a autoridade dos jovens ao relacioná-la à falta de experiência. Essa representação funciona como uma etiqueta social, que tem como consequência a diminuição de oportunidades de participação efetiva, o que leva o jovem a questionar a sua percepção de incapacidade. Aqui, esse silenciamento aparece como um processo de deslegitimação que fragiliza a posição social dos jovens.

Como último relato para essa parte de participação ativa social, também de uma pessoa que se identifica com o sexo feminino, apresento “Sim, principalmente na minha profissão, por eu ser mais "mansinha, calminha, fofinha" (ranço disso) e por ser mulher que fala mais baixo, não me levam a sério. Ser jovem e ser mulher é um grande cansaço, pois temos que nos afirmar”.

A caracterização de traços comportamentais como razão para descrédibilização mostra como normas de gênero (expectativas sobre tom de voz, assertividade e postura) são mobilizados para desautorizar uma pessoa jovem. A narrativa também destaca o custo emocional e prático desse processo: o esforço constante de se afirmar em espaços profissionais, o desgaste associado à necessidade de contradizer estereótipos e a provável limitação de reconhecimento e avanço.

Outro campo que analiso, é sobre relatar sobre a rebeldia que os jovens e principalmente que são *hardcore* abraçam, “pra mim, representa essa curiosidade e energia, e também um pouco de raiva e revolta”. Essa associação entre raiva e rebeldia não significam apenas coisas ruins, mas, de certa forma, estão ligadas a criticidade e a consciência frente a desigualdades e limitações sociais. É sobre essa perspectiva que esses elementos constroem uma enunciação política. De forma clara, é como se essa participante estivesse relatando a necessidade de modificações ao seu entorno.

A leitura teórica de Dayrell contribui para organizar esses achados. Para o autor, o jovem deve ser compreendido como um sujeito social, alguém que participa ativamente da sociedade e não um mero espectador que vê a vida passando diante de seus olhos. Na verdade, é o contrário disso, se jovens são rebeldes e representam as suas causas, significa que, nós interpretamos o mundo e agimos sobre ele, construindo nossas próprias trajetórias a partir dos espaços sociais que ocupamos. É como Dayrell explora a juventude em seu artigo aqui analisado

Uma primeira imagem que questionam é a juventude vista na sua dimensão de transitoriedade. Esses jovens mostram que viver a juventude não é preparar-se para o futuro, para um possível “vir-a-ser”, entre outras razões porque os horizontes do futuro estão fechados para eles. O tempo da juventude, para eles, localiza-se no aqui e agora, imersos que estão no presente. E um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência, que se resolve a cada dia. Não significa que sejam alienados ou passivos, que não nutram sonhos e desejos. Eles os têm, mas com uma especificidade: quase sempre estão ligados a uma realização na esfera musical (Dayrell, 2003, p. 49).

Esse trecho do trabalho de Dayrell conversa de forma clara com o conceito de “moratória juvenil” proposto por Abramo (2011). Ela alerta que

podemos dizer que a “moratória” juvenil hoje tem menos o sentido de “suspensão” e “espera” para poder realizar melhor as coisas no futuro, quando forem adultos; e mais a noção de uma possibilidade de vivência e experimentação diferenciada (uma vivência em todas as esferas do mundo adulto, mas de maneira singular, não igual aos adultos): sexualidade, estudo, trabalho, diversão, mas com menos compromissos e encargos do que quando se casa e tem filhos, com vínculos menos definitivos (como

namorar sem compromissos), com mais alegria e liberdade, em função do maior vigor e disponibilidade para a experimentação e menor número de constrangimentos (Abramo, 2011, p. 69).

Essa visão modifica a análise de um foco estritamente comportamental ou estético para a dimensão das práticas e dos significados coletivos. Assim, o jovem hardcore não deve ser reduzido à adoção de uma estética tribária (o que seria uma banalização de todo o movimento), ele produz sentido político a partir de práticas culturais e de sociabilidade.

Um ponto importante aqui a ser abordado, diz respeito a nossa percepção sobre a mobilização relacionada ao coletivo e não ao individualismo, como se fossem sentimentos soltos ou escolhas pessoais. É por outro caminho, esses afetos são construídos em sociedade e a partilha entre os sujeitos que vivenciam situações semelhantes.

Nesse sentido, falar em paixões coletivas (Ansart, 1983) é reconhecer que algo une esses jovens, não apenas um estilo musical ou determinada estética, mas um conjunto de sensibilidades que se constituem nas relações, nos encontros e nas experiências comuns. No caso do meu objeto de estudo, a música, a convivência e a identificação com determinados signos revelam justamente essa dimensão coletiva dos afetos, que ultrapassa a aparência do grupo e chega em uma dimensão mais profunda de identificação e posicionamento no mundo.

Essa análise permite afastar a ideia que reduziria o movimento a uma simples tribo juvenil. O que está em jogo é algo com maior complexidade: os jovens não apenas consomem uma cultura, mas elaboram sentidos a partir dela, produzem formas próprias de sociabilidade e constroem modos de estar no mundo. Assim, os espaços de encontro, os shows, a escuta musical e as trocas entre pares não devem ser vistos apenas como momentos de lazer, mas como experiências que organizam afetos compartilhados e fortalecem uma identidade coletiva.

É justamente por isso que o conceito de Ansart é útil aqui, já que ele nos permite perceber que a dimensão política não aparece apenas em discursos formais ou em práticas institucionais, mas também nas emoções, nos laços e nas formas de convivência que estruturam determinados grupos sociais.

Quando o autor trata do grupo ideológico e da atitude utópica, ele mostra que esses coletivos não se formam apenas em torno de preferências em comum. Há neles uma forma de compreender o mundo, de estabelecer limites em relação ao que está fora do grupo e de criar vínculos que dão sensação de segurança e pertencimento. Assim, a organização do grupo não é apenas estética, mas também afetiva e simbólica, porque produz um espaço reconhecido pelos seus membros como mais acolhedor diante das tensões e inseguranças do mundo social.

A partir disso, é possível compreender que a coesão observada entre esses jovens não se explica somente pela afinidade musical, mas por um processo mais amplo de identificação coletiva. A música tem papel importante nessa construção, pois articula memórias, valores, sentimentos e experiências compartilhadas. Desse modo, o grupo não apenas se identifica com o que escuta, mas também constrói uma linguagem comum, formada por símbolos, práticas e modos de convivência que fortalecem o sentimento de pertencimento. É por isso que espaços como shows, encontros e rodas de convivência ganham tanta relevância, já que não são apenas momentos de lazer, mas também espaços de sociabilidade e de reafirmação dos laços entre os membros.

Além disso, a análise de Pierre ajuda a pensar o grupo como um espaço de integração e proteção, no qual o coletivo aparece como forma de acolhimento diante das instabilidades do mundo exterior. Mesmo sem um projeto político formalizado, existe uma construção simbólica de comunidade que organiza afetos e produz sentido para quem dela participa. Isso ajuda a entender por que, em certos contextos juvenis, a relação com a música e com seus signos ultrapassa o gosto individual e passa a fazer parte de uma experiência compartilhada, funcionando também como uma forma de afirmação subjetiva diante das pressões externas.

É importante salientar também que essa rebeldia da juventude hardcore não é algo vazio, mas sim um movimento de defesa e de resistência ao sistema vigente. Para nós, sobreviver nesse meio não é receptivo, acontece de recebermos olhares de desprezo, estranheza e apatia, como se nós fôssemos pessoas que não fazem nada da vida, e na verdade, é o contrário disso. Muitas vezes trabalhamos mais que esse pessoal que nos despreza e ainda sim arrumamos tempo para nos divertir e ser quem somos sem medo de tais julgamentos infundados.

3. PUNK/ HARDCORE

O *Punk* surge no Brasil no final dos anos 70 como um movimento de revolta ao que tinha se tornado o *rock* (o *rock* progressivo), aqui na cidade de Uberlândia ele surge gradativamente, com apenas uns gatos pingados com os moicanos espetados no meio de tantos iguais. O *punk*, na análise de suas primeiras aparições, normalmente suas músicas eram formadas de apenas três acordes, bateria e alguém cantando (não é necessário ter técnica para ser vocalista).

Rapidamente esse movimento tomou conta de vários lugares, especialmente por conta das distribuições de fanzines⁹ que eram produzidos pelos próprios *punks*. Para além desse meio de comunicação, também obtive um relato em uma roda de conversa com uns conhecidos sobre a Carta Social, um programa exclusivo para beneficiários do Bolsa Família voltado para o envio de cartas por um preço social. Alguns jovens enviavam zines, CDs e fitas pra diversas pessoas em diversos locais da região, era uma forma barata e eficaz para a distribuição desses materiais e informações. Acredito que esses sejam os pilares mais fortes do *hardcore*, fazer o que quiser, com os recursos existentes.

Na tentativa de entender o que as pessoas compreendem por *hardcore/punk*, pedi a elas para responder no formulário e o que era esperado, algumas pessoas não conseguiram definir o termo - mais um motivo para essa pesquisa existir -, é necessário que mais pessoas conheçam o movimento e que saibam seus princípios e valores. É necessário que entendam que a cena não é apenas por modinha ou estética, mas muito pelo contrário, é preciso que entendam que existe um viés político.

Partindo dessa ideia de estética, em meu questionário, incluí uma pergunta sobre vestimenta, se as pessoas consideram que a forma como nos vestimos comunica algo sobre o que somos ou pensamos, obtive um número significativo respondendo que acredita que a aparência e a vestimenta têm um papel político. Dentre as respostas, destaco o seguinte relato: “Acredito que através da vestimenta a gente se posiciona politicamente e coloca nosso lugar no mundo”. A expressão utilizada sobre posicionamento indica uma consciência de que escolhas estéticas podem desafiar ou reafirmar ordens sociais.

A partir dessa fala temos a ideia de que roupa tem uma função além de cobrir o corpo, mas é atribuído o papel de afirmar identidades, valores e pertencimento. É nessa linha de

⁹ Entende-se por fanzines (zines) uma mídia independente que permite expressão criativa livre, sem controle das grandes editoras. No *hardcore* (e outras subculturas), os zines foram (e são) fundamentais para divulgar bandas, críticas, poemas e arte de forma acessível.

raciocínio que a autora Judith Butler (1990) identifica o gênero como um efeito de “atos repetidos” que acabam citando normas e regras sociais e por tanta repetição eles começam a se tornarem naturais. Pelo mesmo pensamento, a vestimenta/aparência não é somente um fundo estético, mas uma prática que, por repetições, citam códigos culturais e os reproduz como normas visíveis.

Em contrapartida, obtive respostas contrárias, como exemplo essa fala, que aborda a “estética é vazia o que importante é a atitude e a posição que eu tomo”. Essa fala nos leva a imaginar sobre o real valor político da estética e como ela se separa a intenção da aparência, é justamente nisso que ela revela com a performatividade de Butler opera. Segundo a autora, a identidade não é uma essência interna que “se expressa” depois, mas o efeito de atos repetitivos que citam normas, e a estética é o meio pelo qual a atitude se torna política.

Foucault complementa essa ideia, se o corpo é regulado pelas normas e a resistência acontece por meio de práticas do corpo (incluindo a vestimenta). A aparência não é vazia, mas sim um dispositivo que inscreve a “posição” no corpo e torna visível a disputa. Assim, a fala revela uma tensão entre externalidade e internalidade. A estética é o terreno onde a atitude se torna pública e se inscreve em disputas de poder e reconhecimento.

Complementando essa análise, a atitude possui um papel fundamental nesse contexto, mas não como uma essência interna que se separa da estética. A atitude, portanto, não é o oposto da aparência, mas é o que a torna palpável. Quando o participante aponta que “o que importa é a atitude”, ele aponta para algo real, a política exige compromisso, decisão e posicionamento, mas ela precisa sim de ser performada. A atitude precisa de um corpo para se manifestar e esse corpo se apresenta por meio de sinais estéticos.

Entender isso evita um risco: reduzir a política à aparência (esteticismo vazio) ou à intenção (ativismo desconectado). A postura política exige ambos, compromisso interno e performance externa. A atitude fundamentaliza o sentido; a estética fundamentaliza o efeito. Sem atitude, a roupa é apenas moda; sem estética, a atitude é apenas pensamento. O poder político da vestimenta no hardcore (e em outras subculturas) nasce justamente dessa articulação: a roupa performa a atitude, e a atitude dá sentido à roupa.

Outra análise que proponho, é sobre o consumo consciente, no formulário questioneei onde as pessoas comprem suas roupas, obtive 14 respostas que comprem em brechós e 12 respostas que comprem em bazares. Esse dado mostra que o consumo alternativo não é marginal, mas uma prática consolidada no grupo em questão. Do ponto de vista de Butler, escolher brechó é um ato performativo que cita normas de sustentabilidade e anticonsumo, a

roupa reutilizada performa uma posição política contra o mercado massificado. Ao mesmo tempo, essa prática pode revelar dimensões de classes.

Bourdieu (1988) mostra que o gosto é marcado por capital econômico e cultural, e comprar em brechós pode ser tanto uma escolha política de distinção quanto uma necessidade econômica. No *hardcore*, isso se alinha com um caráter de resistência ao capitalismo, a roupa de brechó não é apenas estética, mas uma atitude de cuidado ecológico e crítica ao consumo que se torna visível no corpo.

1.1 Por que o *punk*?

O *punk* surge recentemente em minha vida, mas o contato prévio que já mantinha com o *rock*, especialmente o nacional, despertou minha atenção para as formas como esse universo musical é incorporado por diferentes sujeitos. A partir da minha própria experiência, passei a me perguntar de que modo esse encontro com o *punk* acontece para outras pessoas, quais caminhos levam à aproximação com a cena e que elementos tornam esse vínculo significativo. Foi justamente a partir dessa inquietação que decidi incluir essa temática no instrumento de pesquisa, buscando compreender não apenas gostos musicais, mas também trajetórias de pertencimento, socialização e identificação cultural.

As respostas obtidas indicam, em sua maioria, a forte influência da família como porta de entrada para esse universo. Isso aparece de maneira clara em declarações como: “Meu pai sempre gostou de vários estilos musicais e quando ele me apresentou alguns *videoclipes* do *rock/nu metal* eu me apaixonei pela estética das bandas e pela energia dos vocais”. Nesse caso, o primeiro contato com o gênero não se dá de forma isolada, mas mediado por uma relação familiar que apresenta repertórios, sensibilidades e referências estéticas. O vínculo com a música, portanto, não é apenas sonoro; ele é também visual, emocional e geracional. A “estética das bandas” e a “energia dos vocais” aparecem como elementos de impacto que ultrapassam a simples audição e constroem uma experiência de identificação.

Essa dimensão relacional também se evidencia em outra fala: “Cresci em meio à cena Punk HC, por influência de parentes e amigos. Desde que me entendo por gente, nunca me vi fora disso. Foi o grupo que me acolheu e me fez me sentir respeitado desde a infância.” Aqui, o pertencimento à cena aparece como algo anterior à escolha individual, quase como um ambiente de formação subjetiva. O sujeito não apenas conhece o *punk/hardcore*, mas cresce inserido nele, tendo a cena como espaço de socialização, acolhimento e reconhecimento. Isso mostra que o vínculo com o gênero pode ser entendido menos como adesão pontual a uma estética musical e

mais como experiência de vida compartilhada, em que família e amigos funcionam como redes de mediação cultural.

A análise dessas falas permite observar que a aproximação com o *punk/HC* não se constrói somente por gosto musical espontâneo, mas por meio de relações afetivas e sociabilidades concretas. Família, amigos e convivência cotidiana desempenham um papel central na formação desse pertencimento, mostrando que a cena se organiza também como um espaço de transmissão intergeracional e de construção coletiva de identidade. Além disso, os relatos revelam que essa experiência envolve acolhimento, respeito e sensação de pertencimento, elementos que ajudam a explicar por que a cena pode se tornar tão significativa na vida dos participantes.

Esse conjunto de respostas também permite pensar a cena *punk/hardcore* como mais do que um estilo musical: ela aparece como território simbólico de formação, reconhecimento e permanência. Ao narrar que “nunca se viu fora disso”, o participante expressa uma continuidade entre vida pessoal e inserção cultural, indicando que a cena atravessa a constituição do sujeito desde a infância. Nesse sentido, o *punk/HC* não surge apenas como uma escolha estética, mas como um modo de estar no mundo, aprendido, compartilhado e vivido em coletividade.

Um limite importante desta investigação foi a baixa representatividade de participantes oriundos de nichos musicais distintos, o que impede realizar um comparativo robusto sobre as formas como diferentes ouvintes vivem e constroem sua identificação musical. No contexto desta cidade, onde o sertanejo ocupa presença significativa no campo musical e nos espaços públicos, a ausência de vozes sertanejas impede analisar dinâmicas cruciais - por exemplo, a forma como identidades sertanejas são negociadas em disputas por espaço e legitimidade cultural, ou como essas experiências contrastam com as de coletivos alternativos, como o punk. Sem esse recorte, as conclusões tendem a refletir sobretudo as trajetórias dos grupos mais representados na amostra, reduzindo a generalização das interpretações.

Um aspecto que merece destaque é a ampla presença do sertanejo em diferentes ambientes da cidade, o que ajuda a compreender por que esse gênero ocupa posição central nas disputas por espaço e visibilidade cultural. Sua recorrência não se explica apenas por preferência musical individual, mas também por sua forte circulação social, impulsionada por meios como rádio, festas, bares, eventos e plataformas digitais. Nesse sentido, o sertanejo se consolida como um repertório de grande alcance, atravessando diferentes públicos e contextos de escuta, o que reforça sua legitimidade e sua presença cotidiana nos espaços urbanos.

As trajetórias musicais mostram que o gosto não é só uma escolha individual. Ele também diz muito sobre pertencimento, sobre as referências que cada pessoa vai construindo e sobre a

forma como ela se posiciona no mundo. Quando os participantes falam do *punk*, do *rock* ou de outros estilos, eles não estão falando apenas de músicas que gostam de ouvir, mas de experiências, valores e relações que fazem parte da vida deles desde cedo. Por isso, o gosto musical pode ser entendido como algo que se forma no contato com a família, com os amigos, com o lugar onde se vive e com os espaços de convivência. Nesse processo, a música acaba se tornando uma parte importante da construção de quem somos, misturando afetos, lembranças e maneiras de ver a vida.

Ao mesmo tempo, essas escolhas musicais mostram que ninguém vive a cultura de forma neutra. Sempre existem disputas sobre o que é visto como legítimo, aceitável ou moralmente correto. Alguns estilos são valorizados e vistos com respeito, enquanto outros acabam sendo ligados à ideia de rebeldia, marginalidade ou desordem. Isso revela que a música também está atravessada por relações de poder, que definem quais gostos ganham prestígio e quais são alvo de preconceito.

Pensar essas tensões ajuda a perceber que as experiências musicais podem tanto reforçar aquilo que já foi aprendido quanto abrir espaço para novas descobertas. Em alguns casos, a pessoa cresce cercada por determinado universo cultural e passa a vê-lo como parte natural da própria história. Em outros, ela se aproxima de uma cena por escolha, por curiosidade ou até como uma forma de romper com o que estava dado. É justamente nessa relação entre herança e experimentação que muitos vínculos musicais ganham força. Por isso, estudar o *punk* e outras cenas não é apenas descrever estilos, mas entender modos de vida, formas de convivência e processos de diferenciação cultural.

Essa perspectiva também faz pensar no papel de quem pesquisa. Em vez de tratar certos repertórios como mais corretos ou mais importantes do que outros, é preciso olhar com atenção para as diferentes formas de produção cultural e para as disputas que organizam sua circulação. Pensar fora da caixa, nesse caso, significa sair de classificações rígidas e de julgamentos morais prontos, reconhecendo que as pessoas constroem seus vínculos musicais em contextos complexos, marcados por afeto, poder, identidade e conflito. Assim, analisar a música também é uma maneira de entender a própria sociedade e as formas como ela produz diferenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário problematizar as noções de cidade. Ela não é homogênea, mas composta por múltiplas cidades sobrepostas, existe a cidade do trabalho, onde se organizam trajetos e rotinas; a cidade do lazer, marcada por encontros e eventos culturais; a cidade escolar, atravessada por trajetórias educativas e a cidade doméstica, que molda práticas de moradia. Essas dimensões produzem experiências urbanas distintas e implicam diferentes modos de apropriação do espaço (deslocamentos, usos do tempo e formas de sociabilidade) que são centrais para compreender as vivências dos cidadãos. Reconhecer essa pluralidade permite captar desigualdades socioespaciais e orientar análises metodológicas e políticas mais sensíveis às diversas formas de habitar a cidade.

A partir dessas múltiplas percepções de cidade que é possível entender as formas de apropriação do espaço, e compreendendo essa questão conseguimos enxergar essas camadas da vida urbana que nos permite ter uma visão sobre as diversas experiências de juventude. A pluralidade das cidades revela as desigualdades socioespaciais (gênero, raça, classe e mobilidade) e que requerem análises metodológicas que incorporem essas dimensões.

No campo do ensino de História, essas perspectivas oferecem possibilidades ricas e concretas. É preciso se questionar como nós, enquanto mediadores do conhecimento, abordamos o conceito de cultura e como fazemos essa aproximação dos alunos com o conteúdo. Para tal, cabe ampliarmos o currículo para além de repertórios tradicionais e acrescentarmos as vivências dos jovens que articulam com trabalho, escola e lazer.

Ao tratar dessas experiências do dia a dia no espaço escolar, o ensino de História se torna mais significativo, pois, assim, é possível dialogar com as realidades concretas e com os modos pelos quais os estudantes percebem e vivem o mundo social. Isso contribui não apenas para tornar o conteúdo mais próximo de sua experiência, mas também para valorizar saberes que muitas vezes permanecem a margem do currículo escolar. Dessa forma, o trabalho do docente pode operar como um movimento de ampliação de olhar histórico, articulando conhecimento acadêmico e experiência vivida, teoria e prática, passado e presente. Assim, ensinar História deixa de ser apenas decorar datas, nomes e acontecimentos e passa a ser também um exercício de reflexão sobre identidades, desigualdades, pertencimentos e formas diversas de produzir cultura no cotidiano.

Além disso, pensar a juventude a partir da cidade permite compreender que os jovens não ocupam os espaços urbanos de forma neutra ou igualitária. As formas de circulação, permanência e vivência da cidade são atravessadas por condições sociais que definem quem

pode ocupar determinados lugares, em quais horários e sob quais condições. Há jovens que vivem a cidade por meio dos trajetos entre casa e escola, outros por meio do trabalho, da participação em coletivos culturais, da vivência em praças, do consumo de bens culturais ou da circulação por espaços periféricos e centrais. Cada uma dessas experiências produz maneiras específicas de se relacionar com a cidade e revela que o espaço urbano também é um espaço de disputa, de pertencimento e de construção de identidades.

Nesse sentido, a escola ganha um destaque como um espaço privilegiado para observar essas vivências juvenis. Ela se torna um território de encontros, conflitos, trocas culturais e sociabilidade. É por esse motivo que é preciso compreender a escola como uma parte da cidade fundamental para pensar o ensino de modo mais situado, mais sensível às realidades dos alunos e mais atento às desigualdades que atravessam seus cotidianos.

Diante do que foi exposto, é possível compreender que a cidade não deve ser pensada como um espaço homogêneo, mas como um conjunto de experiências atravessadas por desigualdades, disputas e formas distintas de apropriação. A juventude, nesse contexto, vivencia a cidade de maneiras diversas, de acordo com suas condições sociais, seus deslocamentos cotidianos e os espaços que consegue ocupar. Assim, a circulação pela cidade revela não apenas trajetos físicos, mas também marcas de pertencimento, exclusão e identidade. Pensar essas experiências é fundamental para perceber como os sujeitos constroem suas relações com o espaço urbano e como esse espaço também contribui para formar suas trajetórias.

É pensando nessas questões que a cidade deve ser compreendida como um espaço de experiências históricas vividas no presente, onde modos de vida, as trajetórias de cada pessoa e as práticas em coletivo revelam as relações sociais, conflitos e, também, as permanências. Ter a cidade como objeto de estudo na História nos permite observar como diferentes sujeitos constroem o espaço urbano, como interagem com ele e como produzem sentidos sobre o em que vivem. Por isso, a cidade não deve ser vista apenas como um mero cenário, mas como objeto histórico em transformação, manchado por desigualdades e disputas. É na cidade, no espaço, no território que a História começa.

Ao nos apropriarmos da História para uma melhor compreensão da cidade e sua trajetória, torna-se possível analisar processos que muitas vezes passam despercebidos em nosso dia a dia, como segregações territoriais, o acesso desigual aos serviços, as memórias coletivas e as diferentes formas de pertencimento. Essa visão também é fundamental para o ensino, pois aproxima o conhecimento histórico da realidade dos estudantes, estimula a leitura

crítica do espaço urbano e evidencia que a cidade é construída por sujeitos concretos, com experiências diversas, cujas ações deixam marcas materiais e simbólicas ao longo do tempo.

No campo do ensino de História, essa reflexão reforça a importância de aproximar o conteúdo escolar da realidade vivida pelos estudantes. Quando a escola reconhece as vivências juvenis como parte da produção de conhecimento, ela amplia as possibilidades de aprendizagem e torna o ensino mais significativo. A cidade, nesse sentido, deixa de ser apenas um cenário e passa a ser entendida como parte constitutiva da formação social e cultural dos alunos. Ao considerar os diferentes modos de viver, ocupar e perceber a cidade, o ensino de História também se torna mais sensível às desigualdades e mais atento às múltiplas formas de existência que atravessam o cotidiano.

Desse modo, pensar juventude, cidade e escola de maneira articulada permite construir uma leitura mais crítica da realidade. Essa perspectiva contribui para que o ensino não se limite à transmissão de conteúdos, mas funcione também como um espaço de reflexão sobre experiências, pertencimentos e relações sociais. Portanto, compreender a cidade como um território plural e desigual é um passo importante para valorizar as vivências juvenis e para fortalecer um ensino de História mais próximo da vida concreta dos estudantes.

Durante realização desta pesquisa, uma parcela da juventude hardcore uberlandense se uniu em prol de ocupar a cidade com arte underground. O projeto de extensão do Instituto de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, o Conluio, tem feito um trabalho de distribuição de arte “horrenda” e “assustadora” no território urbano. Em seu primeiro ato, no mês de junho de 2026, ocupamos a Praça Ismene Mendes (Tubal Vilela), com uma intervenção de colegam de lambe-lambe, venda de fanzines e show com duas bandas locais da cena. Acreditamos que esse primeiro momento seja apenas o início do estrago que podemos fazer



pela cidade. Viva o underground! Viva as diferentes formas de ser jovem!

Rodrigues, Yuri Carvalho.
Grupo Conluio na praça Ismene Mendes, 2026. Acervo do coletivo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano*, São Paulo: Escrita, 1994. KEMP, op. cit. 1993, CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1997, n.05-06, pp.25-36.
- ANSART, Pierre. *Os clínicos das paixões políticas*. Curitiba: Editora UFPR, 2023.
- BIVAR, Antonio. *O que é punk*, São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional da Juventude. Brasília, DF: SNJ, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/composicao/orgaos-especificos-singulares/snj>. Acesso em: 20 de maio de 2026.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições, 2019
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2000.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.
- Dayrell, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.
- ENTREVISTA concedida no âmbito do projeto de extensão Conluio, em junho de 2026.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-corpo. *Revista da UFMG*, v. 20, n. 1, p. 54-77, 2013.
- HCUDI. Direção e Produção: Roberto Camargos e Vilmar Martins Júnior. *Hardcore Uberlândia*, 2023. 1 vídeo, com duração de 1:11:21. Disponível em: <https://youtu.be/21Hz4YGE9tY?si=GEIQPRtJlYmRzu6q>. Acesso em: 05 jun. 2026.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001. Tradução de: *Le droit à la ville*, 1968.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/jhj33Qvv3qRmsZtKRSCtGYx/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. Do Punk ao Hardcore: elementos para uma história da música popular no Brasil. *Revista Temporalidades*, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5423>. Acesso em: 10 jun. 2026.

QUESTIONÁRIO, A cidade e o jovem hardcore: o sujeito político e suas vivências. Forms Office, 2026.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SOUSA, Rafael Lopes de. Punk: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva, São Paulo, 1983/1996, São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

TURRA NETO, Nécio. Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina, São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

Questionário:

A cidade e o jovem hardcore: o sujeito político e suas vivências

Esta pesquisa tem fins acadêmicos e visa analisar as relações entre juventude, música, território, segregação social e politização na cidade de Uberlândia. Vinculada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, tem como objetivo compreender como as experiências urbanas e culturais contribuem para a constituição de sujeitos políticos e para a produção de sentidos sobre a cidade. Embora dialogue com a cena punk/hardcore, esta pesquisa não se restringe apenas a pessoas que façam parte desse grupo, podendo também ser respondida por quem não se identifica com a cena, mas deseja colaborar com o estudo. O campo destinado ao nome não é de preenchimento obrigatório. As respostas são voluntárias, anônimas e confidenciais, sendo utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa. Você poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. As informações fornecidas serão tratadas de forma confidencial e utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, sem divulgação de dados que permitam sua identificação.

1. Ao marcar a opção abaixo, você declara que leu, compreendeu e concorda em participar voluntariamente desta pesquisa.

Concordo.

2. Nome. Texto de linha única.

Insira sua resposta

3. Idade. Requer resposta. Texto de linha única.

Insira sua resposta

4. Com qual gênero você se identifica?

Feminino

Masculino

Não-binário

Outro

5. Escolaridade. Requer resposta.

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio em andamento

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

Ensino superior em andamento

Ensino superior completo

6.Quais estilos musicais você costuma escutar?

Samba.

Pagode.

Forró.

Funk.

Rap / Hip hop.

Rock.

Punk / Hardcore.

Metal.

Blues.

Jazz.

Reggae.

Pop.

Eletrônica.

Sertanejo.

MPB.

Clássica.

Outro.

7.O que levou você a se identificar com esse estilo musical? Considere o estilo que você mais se identifica. (Você pode responder com suas próprias palavras, contando desde o que te atraiu até o que você sente hoje).

Insira sua resposta

8.A vestimenta e a aparência têm algum papel político para você?

Insira sua resposta

9.Onde você costuma comprar suas roupas e acessórios?

Brechós.

Bazares.

Lojas de departamento.

Shoppings.

Customização / Produção própria.

Lojas especializadas em streetwear / moda alternativa.

10.O que você entende por Cidade?

Insira sua resposta

11.Como você costuma se deslocar na cidade?

Carro.

Moto.

Transporte público.

A pé.

Bicicleta.

12.Em suas palavras, o que você considera ser jovem?

13.Em muitas situações, a sociedade não reconhece os jovens como participantes ativos da sociedade, mesmo quando já assumem muitas responsabilidades. Você sente isso em sua rotina? Se sim, como?

14.O que você entende por hardcore/punk?

15.De que forma você acredita que o hardcore influencia a sua relação com a cidade onde mora?

16.Você participa da cena hardcore da sua cidade?

Sim, frequentemente.

Às vezes.

Raramente.

Não.

17.Como você costuma participar da cena hardcore?

Frequentando shows

Organização de eventos.

Participando de bandas.

Produção de fanzines.

Outras formas.

18.Quais são as suas bandas favoritas da cidade?

19.O que você acha da cena hardcore local atualmente?

20.Cite os lugares que você considera da cena hardcore/punk e que você frequenta. (Mesmo que você não se veja como parte da cena, pode responder com lugares que você vai para se distrair).

21.Quais trajetos você faz no dia a dia, quais espaços você vive dentro da cidade?

22.Você tem sugestões de outros lugares, pessoas, grupos para se conseguir novas informações sobre a cena?

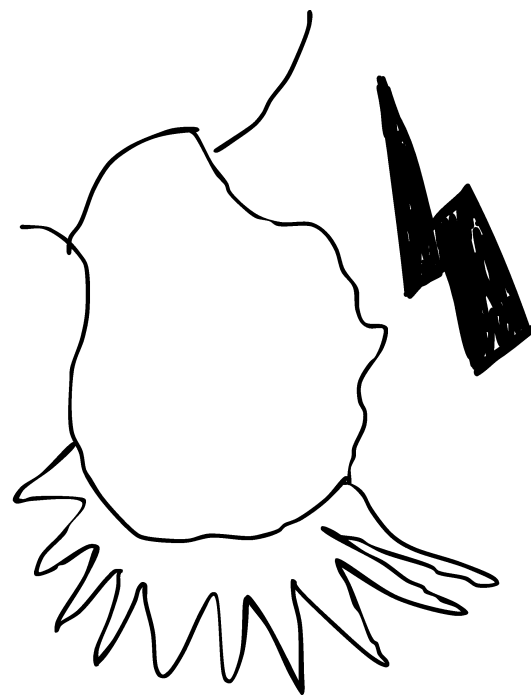
23.Em poucas palavras, o que você gostaria que pesquisadores e a sociedade entendessem sobre a sua experiência como jovem hardcore em Uberlândia?

Quem vivência a cidade a sua maneira é um sujeito político. ✨
Seja indo a shows, ocupando praças ou andando pela cidade.

juventude
= hardcore
= vivência
= cidade
= sujeito político



HC/Punk: modo de vida baseado no "faça você mesmo".
Sujeito político: alguém que participa ativamente da sociedade.



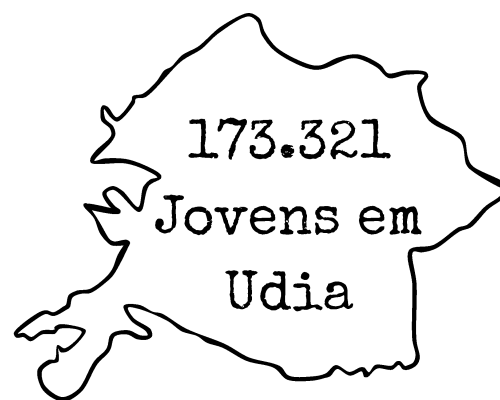
Esta pesquisa não encerra o tema, ela nos ajuda a mudar nossa forma de ver a cidade.

Obrigada!

Por: Ranielly Cristina
Barbosa Silva

Instituto de História -
UFU

A CIDADE E O JOVEM HARDCORE: O SUJEITO POLÍTICO E SUAS VIVÊNCIAS



Mapa de Uberlândia

Cidade:
Experiência vivida além de uma estrutura física.
Juventudes:
plurais, existem diversas formas de ser jovem.

